

Exportações de carne bovina: desempenho e perspectivas

Sergio Roberto Lima de Paula
Paulo Faveret Filho

EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA: DESEMPENHO E PERSPECTIVAS

Sergio Roberto Lima de Paula
Paulo Faveret Filho*

** Respectivamente, assistente técnico e gerente da Gerência Setorial de Agroindústria do BNDES.
Os autores agradecem a colaboração de Enio Marques (Abiec), Pedro Felício (Unicamp), Joesley Mendonça Batista (Friboi), Plínio Bastos e Marco Bicchieri (Bertin) e Victor Nehmi (FNP).*

AGROINDÚSTRIA

Resumo

As crises sanitárias ocorridas na Europa, Argentina e Uruguai abriram oportunidades sem precedentes para o setor exportador de carne bovina brasileira nos últimos dois anos.

O estudo pretende analisar o mercado mundial de carnes, suas características e principais aspectos, com a finalidade de apontar perspectivas para a colocação do produto brasileiro.

Ao mesmo tempo, alerta-se para alguns aspectos que podem criar empecilhos à oferta brasileira no mercado internacional, tanto do ponto de vista da produção pecuária como da produção industrial.

Analisa-se também a grande concentração empresarial das exportações no setor e os destinos mais frequentes.

O mercado mundial de carne bovina cresceu 4,2% a.a. entre 1990 e 1999, de acordo com dados da FAO. Mas tal desempenho encobre dois períodos distintos: crescimento médio de 7,4% a.a. na primeira metade e estabilidade no período restante (0,4% a.a.).

Introdução

O principal fator determinante do freio na expansão do comércio mundial de carne bovina parece ter sido a divulgação da incidência de encefalopatia espongiforme bovina (BSE – doença da vaca louca) no rebanho bovino inglês e da possibilidade de transmissão da doença aos seres humanos. Como a Inglaterra era um grande exportador de carne industrializada naquele momento, a crise rapidamente espalhou-se por todo o continente europeu e, em seguida, pelo mundo. A doença se alastrou pela Europa no final da década, agravando o quadro. Ademais, houve vários surtos de febre aftosa nos países da Comunidade Econômica Européia em 1999 e 2000, o que afetou o consumo de carne bovina naqueles países. Entretanto, a influência desses surtos no comércio mundial total foi pequena.

Na primeira metade da década o Brasil apresentou taxas de crescimento positivas e manteve desempenho semelhante no restante do período, embora com ritmo menor. O país conquistou e consolidou novos mercados, aproveitando o vácuo criado pela crise européia e a diminuição da presença argentina no mercado, por causa da incidência de febre aftosa em seu rebanho.

O desempenho brasileiro no período, as oportunidades abertas pela crise e as ameaças que podem pairar sobre o setor de produção e processamento de carne bovina no Brasil são objeto deste estudo.

O mercado mundial de carne bovina desossada e de carne industrializada¹ movimentou, em 1999, um total de US\$ 15,3 bilhões, dos quais o Brasil foi responsável por US\$ 0,85 bilhão (5,5%).

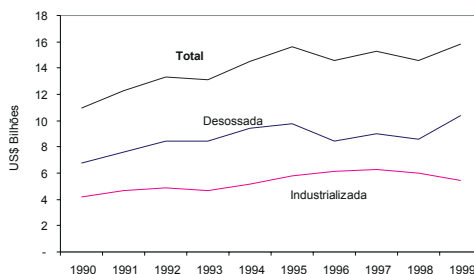
O crescimento do comércio total foi de 4,2% a.a. no período, com desempenhos distintos: na primeira metade da década, o crescimento médio anual foi de 7,4%, enquanto no restante do período foi de 0,4%.

Mercado Mundial

¹Os dados da FAO referem-se à carne industrializada em geral, incluindo suínos (maior parte). Como são os únicos dados disponíveis no segmento, optou-se por usá-los, com as devidas ressalvas.

Gráfico 1

Evolução da Exportação Mundial de Carne Bovina Desossada e de Carne Industrializada – 1990/99



Fonte: FAO.

Carne Industrializada

O segmento de carne industrializada apresentou retração (queda média anual de 1,6% em valor e 2% em volume) na segunda metade da década de 90, após ter crescido em média 6,8% ao ano em valor e 6,2% em volume no primeiro período.

Excetuando-se Canadá e Reino Unido, os 10 maiores importadores mundiais diminuíram o ritmo de suas importações, sendo que metade reduziu efetivamente suas importações em termos absolutos.

Do lado exportador, os principais países reduziram suas taxas de crescimento na segunda metade do período. Apenas Tailândia (19% a.a.), Brasil (5,3% a.a.), Estados Unidos (3,5% a.a.) e Irlanda (3,5% a.a.) apresentaram taxas positivas e significativas.

Os Estados Unidos diminuíram sua importação em 33% e dobraram a exportação, em função do programa de redução do seu rebanho de 105 milhões para 95 milhões de cabeças. O acompanhamento do mercado americano reveste-se de especial interesse para o Brasil, uma vez que se constitui atualmente no segundo mais importante para as exportações brasileiras de carne bovina.

Carne Desossada

O comércio mundial de carne bovina desossada manteve-se em expansão durante a década de 90. Volumes e valores apresentaram taxas médias de crescimento de 6,2% e 4,9%, respectivamente, porém com características diferentes nas duas metades do período:

- de 1990 a 1995, os preços aumentaram, e as taxas médias de crescimento foram de 6,6 % a.a. em volume e de 7,7% a.a. em valor; e
- de 1995 a 1999, os preços tiveram queda significativa, e o valor das exportações cresceu 1,6% a.a., enquanto o volume aumentou a uma taxa anual de 5,6%.

Na ponta exportadora, Canadá, Brasil e Alemanha tiveram expressivos aumentos de suas exportações, com taxas médias anuais de crescimento de 46%, 25% e 21%, respectivamente.

O maior exportador, os Estados Unidos, manteve estabilidade no valor de suas exportações, enquanto o segundo, a Austrália, teve uma taxa média de retração de 1,8% a.a. A participação conjunta desses dois países na exportação mundial variou de 42% a 43%, e somente em 1999 baixou para 40%. O Reino Unido, a Irlanda e a Argentina tiveram ritmos negativos de crescimento na segunda metade da década.

Os mercados importadores que apresentaram maior expansão foram México, Estados Unidos e Itália, com significativos aumentos nos valores importados de carne bovina desossada no período 1995/99. Do início ao final da década, o México aumentou em 10 vezes o volume de suas importações e em oito vezes o valor, enquanto a Itália importou quatro vezes mais em volume e três vezes mais em valor.

Os Estados Unidos, após significativa diminuição na primeira metade da década, aumentaram gradativamente o valor das importações, retornando, ao final da década, aos níveis de 1990, com volumes cerca de 17% maiores, o que foi bastante influenciado pelo aumento da importação de carne para hambúrguer.

A posição relativa do Brasil nos mercados mundiais de carne bovina desossada e industrializada melhorou na década passada nos dois segmentos. Em 1990, o país ocupava a 14ª posição entre os maiores exportadores de carne desossada e passou para a 10ª posição em 1999. No segmento de carne industrializada era o 10º colocado em 1990 e chegou a ser o 5º maior exportador em 1999.

No caso da carne industrializada, o período 1990/95 foi caracterizado pelo aumento de preços. O volume exportado pelo Brasil cresceu a uma taxa média anual de 7,9%, enquanto os valores aumentaram 17,9% a.a. No período seguinte (1995/99) o movimento foi inverso, com os volumes crescendo à taxa de 11,3% a.a., enquanto os valores cresceram 5,3% a.a.

Participação Brasileira

O desempenho das exportações brasileiras nesse segmento apresenta interessantes aspectos de competitividade: não só manteve importantes taxas de crescimento num mercado mundial em retração, principalmente na segunda metade da década, como também aumentou sua participação, como demonstra o Gráfico 2, aproximando-se do maior exportador mundial, a Dinamarca, cuja especialidade é a carne suína. Por exemplo, o aumento da exportação de carne industrializada para os Estados Unidos, compensando a diminuição da demanda do Reino Unido, demonstra a competitividade do produto brasileiro para a conquista de mercados.

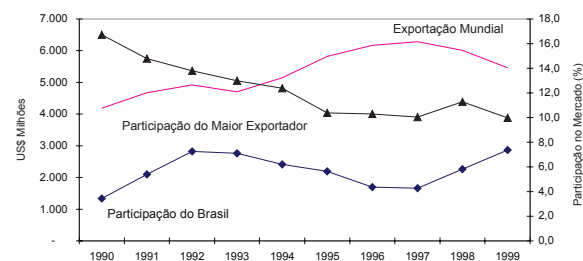
Por outro lado, já que não houve queda de barreira sanitária ou comercial importante, a simples substituição de destino (Reino Unido por Estados Unidos) poderia sugerir esgotamento da capacidade industrial brasileira. Porém, não é o que ocorre, porque ainda existem fábricas ociosas no país, principalmente aquelas pertencentes a empresas que entraram em crise no período 1994/97.

O aumento da exportação para os Estados Unidos foi proporcionado pelo vácuo deixado pela diminuição das exportações argentinas, resultado do aumento da exportação de carne *in natura* para os Estados Unidos e da sobrevalorização da moeda argentina.

Do lado brasileiro, embora houvesse alguma sobrevalorização do real, os ajustes no regime cambial ajudaram a competitividade nacional. Em se tratando de produto de baixo custo, a questão cambial traz importantes impactos.

Mesmo com a abertura desse "novo" destino, a estratégia conservadora das empresas brasileiras explica-se por se tratar de um mercado globalmente maduro, focado majoritariamente nos Estados Unidos e no Reino Unido, e com pouca perspectiva de cresci-

Gráfico 2
Carne Bovina Industrializada: Exportação Mundial e Participação do Brasil – 1990/99



Fonte: FAO.

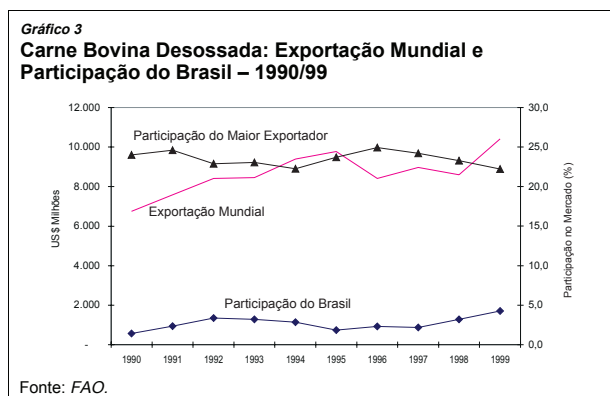
mento. O Brasil e a Argentina sempre dominaram esse segmento, e o crescimento exagerado de um pode determinar a quebra do outro, fator que parece balizar os investimentos dos agentes econômicos privados.

Além disso, esse mercado caracteriza-se por ser de contrato, em que o produto é fabricado com a marca do comprador, o que explica a dificuldade de retorno aos negócios daquelas empresas que, embora ainda possuam planta industrial em condições de produzir, passaram por crises e perderam clientes no período 1994/97, provavelmente com quebra de alguns contratos de fornecimento.

No segmento de carne desossada o Brasil conseguiu importante aumento tanto em valor como em volume de suas exportações, triplicando sua participação no mercado mundial. Entretanto, esse mercado revela-se inconstante para o país, às vezes diminuindo pela metade ou dobrando o volume de um ano para o outro (exemplos de 1995 e 1999).

O mercado de carnes apresenta uma série de restrições sanitárias. No Pacífico, por exemplo, onde os maiores compradores são os Estados Unidos e o Japão, não é permitida a importação de carne de países que não erradicaram a febre aftosa, enquanto no Atlântico (Europa, basicamente), embora não haja essa restrição, a importação só é autorizada com base em cotas preestabelecidas. Além disso, é um mercado em que os maiores fornecedores mundiais, Austrália e Estados Unidos, mantêm-se na liderança com no mínimo 40% de participação.

O Gráfico 3 apresenta os movimentos do comércio internacional e a participação brasileira. A queda de participação relativa do



maior produtor ocorreu em função do aumento das exportações do Brasil e do Canadá, sendo deste a maior taxa de crescimento no período 1995/99 (25% ao ano).

Exportação Brasileira

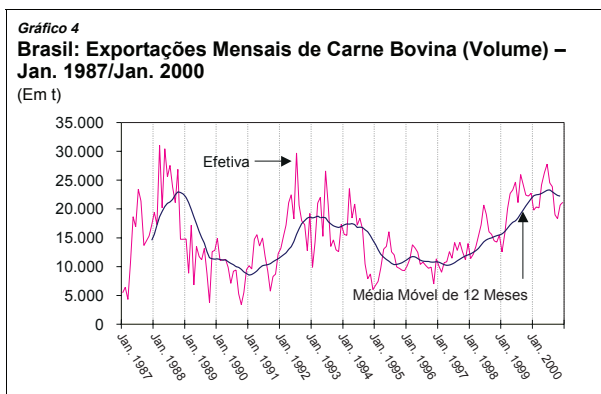
O Gráfico 4 apresenta a evolução do volume mensal exportado de carne bovina pelo Brasil entre 1987 e 2000. A primeira observação relevante é que há um movimento cíclico marcante, sem tendência definida. Os anos de 1988 e 1992 mostram picos superiores aos de 2000, embora o crescimento observado a partir de 1997 tenha sido o mais longo – três anos de aumento da média móvel de 12 meses. Uma análise puramente estatística não autorizaria a previsão de crescimento ininterrupto nos próximos anos, mas as mudanças no mercado mundial e os ganhos de competitividade do produto brasileiro podem apontar para um quadro otimista.

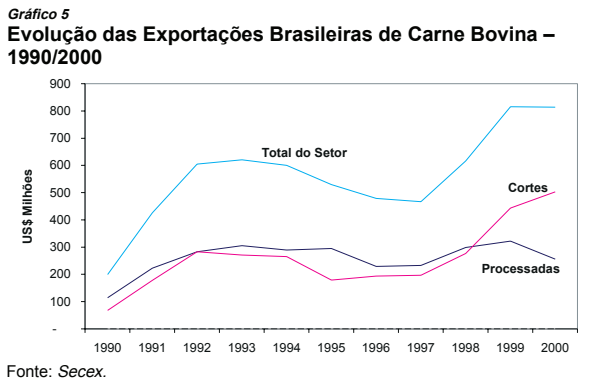
O Gráfico 5 sugere a ocorrência de três períodos bem marcados: crescimento acelerado entre 1990 e 1993; retração entre 1993 e 1997; e novo salto a partir de 1997.

As carnes processadas e os cortes apresentaram comportamentos semelhantes até 1998, quando dispararam as exportações de cortes e desaceleraram as de carnes processadas, caindo em 2000.

O aumento das exportações de carne bovina em cortes explica-se tanto pela oportunidade aberta pela crise sanitária europeia como também pela diminuição dos impostos e sobretaxas cobrados pelos países da Comunidade Europeia a partir de 1997.

Quando se concentra a análise na década de 90, verifica-se que a exportação cresceu de 1990 a 1993, reduzindo-se nos três





anos seguintes, em decorrência da conjunção de aumento do consumo interno (estabilidade da economia interna) e retração do mercado externo, tornando a crescer em 1997.

Os principais produtos exportados comportaram-se de maneira diferente ao longo da década de 90. A carne industrializada, principal produto no início da década, não teve crescimento significativo em relação à receita cambial, perdendo posição para as carnes desossadas, que assumiram a liderança a partir de 1999. Nesse momento o país conquistou mercados na exportação de carne desossada, aproveitando o vácuo deixado pela barreira sanitária imposta a boa parte do rebanho europeu (BSE e aftosa) e argentino (aftosa), além das questões levantadas pela União Européia ao uso de anabolizantes pelo gado americano.

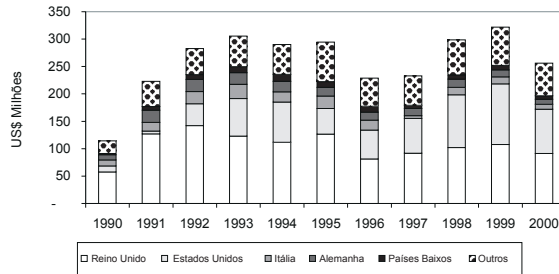
O destino das exportações brasileiras de carne industrializada passou por mudanças importantes, mas continua apresentando alta concentração, ainda que inferior à do início da década de 90.

Concentração de Destino

O Reino Unido foi o principal importador de carne industrializada brasileira, com exceção de 1999, quando foi superado pelos Estados Unidos. A ocorrência de BSE e seus impactos sobre o consumo explicam a grande queda verificada em 1996. A recuperação que se seguiu ainda não havia permitido a retomada dos níveis de 1991/95, quando novos casos da doença mais uma vez abalaram o mercado inglês e reduziram as exportações brasileiras para o país, diminuindo sua participação de 57% em 1991 para 35% em 2000.

A diminuição das exportações argentinas de carne industrializada permitiu que o Brasil ocupasse um novo espaço aberto no

Gráfico 6
Principais Destinos da Exportação Brasileira de Carne Bovina Industrializada – 1990/2000



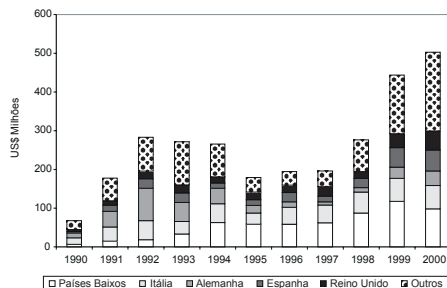
Fonte: Secex.

mercado americano. Como a retração do mercado inglês foi acompanhada do aumento das vendas para os Estados Unidos, a concentração nos dois principais importadores continuou alta, no mínimo 59%.

O número de destinos variou pouco no período (entre 66 e 76 países). Note-se, entretanto, que em 2000 atingiu-se o máximo da série (86 países), o que pode significar tendência de diversificação, talvez associada às conquistas sanitárias, especialmente no caso da aftosa.

No segmento das carnes desossadas a concentração é menor. O maior importador (Países Baixos) absorveu, no máximo, 33% do total das exportações brasileiras, participação que, no entanto, vem diminuindo, chegando a 17% em 2000. Os três maiores importadores, de forma semelhante, detiveram no máximo 53% (1992) e, ao final da década, 44%, sugerindo menor exposição do

Gráfico 7
Principais Destinos da Exportação Brasileira de Carne Bovina Desossada – 1990/2000



Fonte: Secex.

que o segmento de carne industrializada a eventuais crises de demanda localizadas.

O número de destinos cresceu significativamente entre 1995 e 2000 (de 26 para 56 países), constituindo boa indicação de diversificação geográfica e de sucesso na abertura de novos mercados.

O número de empresas brasileiras exportadoras de carne bovina industrializada e desossada aumentou ao longo da década, embora tenha havido queda nos anos de 1995 e 1997. Em 1990, 14 empresas brasileiras exportaram carne industrializada e 26 responderam pela exportação de carne desossada, enquanto em 2000 esses números foram de, respectivamente, 56 e 63 empresas.

O Índice de Herfindal-Hirschman (IHH), que revela a concentração de mercados, é um dos mais utilizados na análise antitruste, sendo calculado pela soma dos quadrados das participações dos diversos atores do mercado (multiplicado por 10 mil). O índice zero significa a concorrência perfeita, enquanto 10 mil indica um mercado em situação de monopólio.

Empresas Exportadoras

Tabela 1

Índices de Concentração e Número de Empresas por Segmento – 1990/2000

ANO	SEGMENTO					
	Carne Desossada			Carne Industrializada		
	Índice de Herfindal-Hirschman	Número de Empresas	CR3 (%)	Índice de Herfindal-Hirschman	Número de Empresas	CR3 (%)
1990	883	26	39	1.653	14	61
1991	1.073	35	47	1.734	24	62
1992	1.183	45	50	1.844	29	63
1993	822	46	38	1.814	46	64
1994	675	41	31	1.723	44	60
1995	916	35	39	1.447	40	54
1996	922	32	43	1.502	36	56
1997	936	34	41	1.916	32	70
1998	991	36	45	1.946	47	64
1999	797	61	40	1.742	45	64
2000	848	63	43	1.966	56	62

Fonte: Secex. Elaboração BNDES.

O mercado exportador de carne desossada apresenta índices de concentração baixos (menor que mil), com tendência de queda, enquanto o de carne industrializada apresenta média (entre mil e 1.800) para alta concentração (mais de 1.800), com tendência de alta. A saída gradativa de diversas empresas desse mercado e a entrada de novas plantas no período 1994/96 explicam a diminuição e o posterior aumento do índice.

Medida pelo CR3, a concentração tem aumentado nos dois segmentos. Ela é mais forte quando se refere às carnes industrializadas, cuja maior exportadora detinha 23% em 1990, chegando a alcançar 39% em 2000. As três maiores exportadoras chegaram a ser responsáveis por 70% das exportações em 1997, diminuindo para 62% em 2000, patamar semelhante ao de 1990.

O segmento de carnes desossadas é menos concentrado. A maior concentração ocorreu em 1992, quando as três maiores empresas foram responsáveis por 51% da exportação e a maior por 21%. A menor concentração foi em 1994 (31% e 13%), crescendo a partir de então e atingindo 43% e 16% em 2000.

A menor concentração no segmento de carnes desossadas está relacionada a dois aspectos: o crescimento das vendas estimula a desconcentração, porque facilita a entrada de novos concorrentes, e o requisito de capital é mais baixo, pois o investimento em maquinário é menor. A redução do IHH do segmento de carnes desossadas é também influenciada pelo aumento do número de áreas livres de aftosa, que permitiu a entrada de novas empresas no setor de exportação.

Não obstante a concentração observada, nota-se grande mobilidade na *ranking*, com a substituição das empresas que ocupam os primeiros lugares. Para ilustrar, ressaltou-se o fato de que apenas duas das empresas que aparecem entre as cinco maiores exportadoras de 1990 a 1993 figuram na mesma faixa em 1999/2000, e mesmo assim em processo de franca diminuição de seus negócios externos.

Os Frigoríficos Bertin e Independência foram os únicos com exportações crescentes em todo o período. O primeiro é líder na exportação de carnes industrializadas há cinco anos e o segundo no segmento de desossadas há três anos. O Frigorífico Minerva iniciou a exportação de carnes desossadas em 1994 e assumiu a quarta posição em 2000. O Friboi, que começou a exportar em 1996, em 2000 já era o terceiro colocado nos dois segmentos. Por outro lado, verifica-se a diminuição significativa das exportações das empresas Bordon, Sadia, Empesca e Sola, que lideravam ambos os segmentos até 1995.

A situação favorável ao Brasil no mercado mundial de carne bovina recentemente verificada não pode ser projetada para o futuro. É preciso levar em conta alguns fatores que podem ter influência decisiva no desempenho brasileiro, que serão comentados a seguir.

Ameaças

A primeira questão diz respeito à disponibilidade de matéria-prima, e para isso é necessário analisar os principais indicadores do rebanho brasileiro e do consumo interno de carne bovina. Da Tabela 2, pode-se destacar o seguinte:

- o rebanho nacional tem apresentado taxas de crescimento anuais abaixo de 1%, quase ao nível da estagnação;
- na última década, a taxa de crescimento do abate (2,65% a.a.) foi superior à da produção de bezerros (1,71% a.a.); e
- o crescimento do consumo interno foi superior ao da população (2,12% a.a. contra 1,32% a.a.), levando o consumo *per capita* anual a expandir-se de 34,6 kg/hab. em 1990 para 36,5 kg/hab. em 2000.

Embora o crescimento do abate seja maior que o do consumo, permitindo um excedente exportável, o mercado interno brasileiro é um dos maiores do mundo. E o aumento das exportações, sem a necessária sustentação no aumento da produção, pode exercer pressões sobre o preço interno ao consumidor, o que tornaria mais atrativa a colocação no mercado interno, ocasionando interrupções no fluxo de exportações, com possíveis quebras de contratos e perda de confiabilidade. Por outro lado, poderia haver substituição do consumo interno por outras carnes, gerando novos hábitos e perda de mercado.

Inegavelmente o setor produtivo modernizou-se bastante, com a consolidação do abate de novilhos, porém esse ciclo pode

Tabela 2

Principais Índices da Produção Brasileira de Carne Bovina

ITEM	TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO NO PERÍODO 1990/2000 (%)
Tamanho do Rebanho	0,69
Produção de Bezerros	2,44
Abate	3,12
Consumo (Total)	2,12
Consumo <i>Per Capita</i>	0,54

Fonte: FNP.

estar esgotando as “gorduras” existentes e, por conseguinte, diminuindo consideravelmente o estoque de reserva. Nesse sentido, o fato de a taxa de crescimento da produção de bezerros situar-se abaixo da taxa de abate é uma ameaça à disponibilidade de matéria-prima.

O preço do bezerro tem apresentado aumentos sucessivos, diminuindo para 2,2 a relação de troca de boi gordo por bezerro, que historicamente se situava na faixa de 2,8 (um boi gordo comprava 2,8 bezerros).

A reação dos pecuaristas tem se caracterizado pelo aumento do tempo de retenção dos animais prontos para o abate, voltando a ser ofertados animais com 17 a 18 arrobas, quando nos últimos anos era normal a oferta de animais com 15 arrobas, compensando, assim, o aumento do preço de sua matéria-prima (bezerros).

Há que ressaltar a alta elasticidade-renda da carne bovina no Brasil. Assim, uma eventual melhoria da renda *per capita* nacional certamente terá grandes efeitos na demanda interna, reduzindo o excedente exportável. As dificuldades macroeconômicas do momento sugerem que esse “risco” não deve se concretizar antes de 2003.

Conjuntura

A crise sanitária que ocorre em países da União Européia teve como consequência a diminuição tanto do consumo quanto da produção. Num primeiro momento, a produção menor acarretou a diminuição da oferta local e a necessidade de importação adicional para complementar a demanda.

A queda do consumo na Grécia chegou a 50% nas últimas 10 semanas de 2000, 40% na Itália e 35% na Alemanha e na Espanha. No cômputo final, as exportações da União Européia caíram 40% e o consumo total 3% em 2000.

Embora alguns especialistas considerem marginal o possível aumento da importação frente ao consumo total europeu, são volumes importantes para os países exportadores, principalmente para o Brasil.

Superada a crise, nada garante que a carne importada substitua definitivamente a produção local e mantenha o mercado para a exportação brasileira. Outro fator a ser considerado diz respeito à continuidade das importações da União Européia: o restabelecimento da produção local pode gerar uma superoferta do produto naquele mercado, com a consequente queda drástica de preços.

Além disso, caso a crise sanitária persista por longo período, o consumo tende a diminuir mais, gerando também sobreoferta, com queda dos preços ou retração das compras.

A ocupação do espaço deixado pela Argentina na Europa e pela Europa na Rússia e países árabes segue a mesma linha de raciocínio.

O surto de febre aftosa nos países do Mercosul e o posterior aparecimento da doença em parte do rebanho do Rio Grande do Sul mostrou que a batalha sanitária não terminou com a liberação; o esforço deve ser permanente e abranger todos os agentes da cadeia, sejam públicos ou privados.

Sanidade do Rebanho Nacional

A suspeita levantada pelas autoridades sanitárias canadenses sobre a possibilidade de contaminação do rebanho brasileiro pela doença da vaca louca e o prejuízo causado por esse ato de suspeição evidenciaram também a necessidade de reforçar o controle sanitário nacional.

É certo que o Brasil conseguiu contornar, de forma razoável, tanto a suspeição canadense, no que diz respeito à BSE, quanto as suspeitas da Comunidade Européia e da Rússia sobre a disseminação da febre aftosa pelo restante do país. Porém, não se pode deixar de levar em conta a situação crítica em que se encontrava a Europa durante o episódio, o que não quer dizer que as autoridades sanitárias daquele bloco, ao resolverem seus problemas internos, não retomem, com maior rigor, as exigências sanitárias rígidas com que tratavam a carne bovina até então.

O setor de processamento de carne bovina nacional tem demonstrado uma instabilidade muito grande nos últimos 20 anos, quando exerceram a liderança do setor pelo menos três gerações de grandes empresas. Considerando-se os exportadores, a situação não é muito diferente.

Instabilidade Empresarial

No comércio internacional há dois grandes grupos de negócios:

- oportunidade: negócio exercido por compradores de *commodities*, que intermedeiam a distribuição no país de destino, interessados essencialmente em preço, independentemente do vendedor, embora a qualidade seja predeterminada; e

- parceria: negócio exercido por compradores de produtos destinados ao consumidor final e que se interessam pela manutenção de uma padronização de qualidade e preço. Nesse caso, a produção se dá por contrato, e o produto sai do fornecedor com marca de terceiros.

A instabilidade das empresas brasileiras pode jogar os exportadores nas mãos dos negociantes de *commodities*, que, exercendo a intermediação, não têm interesse em fazer diferenciação de origem, dificultando, assim, a colocação de um produto com a marca “Brasil”, o que minimizaria os efeitos de qualquer campanha de *marketing* internacional.

Projeções

As projeções sobre o mercado mundial de carne bovina não são particularmente animadoras. De acordo com a FAO (2000), a produção mundial aumentará cerca de 1,3% ao ano de 1993/94 a 2005, alcançando então 63,3 milhões de toneladas. O crescimento está limitado em parte pela lentidão das inovações e da reestruturação do setor, embora haja uma tendência de aceleração.

A maior parte do aumento de produção (oito das nove milhões de toneladas) deverá vir dos países em desenvolvimento, pois a produção nos países desenvolvidos está muito próxima do limite.

O maior destaque é a Ásia, especialmente por causa da China, seguindo-se a África e a América Latina. Para a Europa a previsão é de estabilidade na produção se não houver mudanças relevantes na Política Agrícola Comum.

Depois da queda observada na década de 90, o consumo mundial *per capita* de carne bovina deverá se estabilizar em 9,6 kg/hab. em 2005. Entretanto, há grandes diferenças regionais, pois os países desenvolvidos devem reduzir o consumo de 27,3 para 25,2 kg, enquanto os países em desenvolvimento poderão aumentá-lo de 5,4 para 6,3 kg/hab./ano. O sudeste da Ásia aumentará o consumo em 2% ao ano, chegando a 4,6 kg/hab., mas a Europa e os Estados Unidos deverão reduzi-lo.

No comércio internacional, a FAO projeta crescimento de 1,3 milhão de toneladas até 2005 em relação a meados da década de 90. A África, a América Latina e a Ásia estão entre as regiões que aumentarão as importações.

Os Estados Unidos continuarão sendo o país maior importador de carne de hambúrguer, mas também o líder na exportação, concentrando-se em segmentos nobres. A União Européia deverá ser o principal fornecedor de carne para a Rússia, enquanto o

Mercosul é apontado como uma região de crescente competitividade. Apontava-se ainda a redução das fronteiras entre os mercados do Pacífico e do Atlântico por causa da liberação da carne argentina e uruguaia, mas os recentes surtos de aftosa na região adiaram o processo.

As restrições impostas pela Rodada do Uruguai às exportações subsidiadas poderão aumentar os preços mundiais em 5,2% (2005 contra 1993/95).

Lopes e Brandão (2000) revisaram várias projeções sobre a demanda mundial por produtos agropecuários e chegaram a números um pouco mais altos. O crescimento da produção mundial de carne bovina poderá alcançar 2% ao ano no período 2000/09, puxado pela Ásia. O consumo aumentará sobretudo nesta região, que seguirá praticando níveis elevados de proteção alfandegária.

Entretanto, a produção local não deverá ser suficiente para o auto-abastecimento, sendo necessário recorrer às importações. Em virtude das restrições sanitárias, a Austrália e os Estados Unidos estão em posição privilegiada para atender a esse incremento da demanda asiática.

Não obstante as ameaças existentes, deve-se sempre considerar que elas pairam sobre um conjunto ímpar de oportunidades para o setor de carne bovina brasileira.

Oportunidades

A crise do sistema de vigilância sanitária europeia, depois dos surtos de BSE e de aftosa, e a conseqüente desconfiança do consumidor em relação à qualidade da carne produzida abrem espaço para o consumo de carne importada. Dos países que poderiam se aproveitar desse vácuo, a Argentina e o Uruguai também tiveram problemas sanitários de febre aftosa, enquanto o produto americano sofre da rejeição às carnes de animais tratados com anabolizantes. Sobram a Austrália e o Brasil. Como a Austrália direciona sua exportação para a Ásia e os Estados Unidos, regiões que tradicionalmente pagam melhores preços, resta ao Brasil a situação privilegiada de ser o fornecedor melhor qualificado para suprir essa demanda.

Como uma das principais razões de disseminação da BSE foi o regime alimentar (farinha de carne contaminada adicionada à ração dos animais criados em regime de confinamento), o sistema de criação de gado em pasto, majoritariamente utilizado no Brasil, e a proibição de uso de farinha de carne na alimentação animal no país são importantes aliados para se convencer o consumidor europeu. Adicionalmente, o mercado de produtos orgânicos também pode ser alcançado.

A significativa diminuição da presença da carne argentina na Europa, principalmente na Alemanha, onde havia conseguido importante reconhecimento de marca, abre ao Brasil a oportunidade de provar a qualidade da carne produzida no país e de fixar a marca própria.

Nesse momento, há também espaço para reivindicar o aumento da cota Hilton destinada ao Brasil, com argumentos bastante fortes.

Outra oportunidade é a exportação para países tradicionalmente compradores da carne europeia (Rússia, Oriente Médio, Egito e países africanos), que passaram a procurar fornecedores alternativos.

O aumento da presença do Brasil na União Europeia, Oriente Médio, Rússia e África também pode vir a reforçar os argumentos do país na negociação de abertura do mercado norte-americano para carne *in natura*, possibilitando o acesso a todos os países do Nafta, que se constituem no maior mercado mundial de consumo de carne bovina.

Conclusões

A conjuntura externa mostra-se muito favorável ao aumento da exportação de carne bovina brasileira. A crise provocada pela BSE e pela aftosa na Europa coloca na ordem do dia da União Europeia a discussão sobre a relação custo-benefício da manutenção dos subsídios à criação de gado. É grande a probabilidade de ser anunciada uma redução gradativa dos mecanismos que viabilizam a economia pecuária naquela região. Nesse caso, seria inevitável a queda das barreiras alfandegárias à entrada de carne importada, tornando ainda mais competitiva a carne brasileira.

A Argentina é o competidor mais próximo do Brasil, mas certamente terá dificuldades em seu retorno ao mercado, previsto para 2002, pois não só encontrará um competidor em seu lugar, como terá de provar, novamente, a qualidade e a sanidade de seu produto, algo que – os brasileiros sabem – demanda investimento e tempo. Seus avanços rumo ao mercado americano também voltaram à estaca zero. Além disso, as notícias sobre a situação econômica e tecnológica da indústria argentina não são as mais alentadoras: a maioria das indústrias está financeiramente abalada e defasada tecnologicamente.

Os mercados que se abrem no Leste Europeu e no Oriente Médio, por conta da retração da exportação europeia, são pouco explorados em relação à carne bovina, mas têm tradição de comprar outros produtos brasileiros, como frango e café. Nesse caso, a negociação direta com os distribuidores locais, principalmente aque-

les que trabalham diretamente com o consumidor, é uma oportunidade a ser explorada pelas indústrias brasileiras.

As mudanças tecnológicas recentemente promovidas na pecuária e na indústria frigorífica brasileiras colocam o setor em situação bastante favorável. As crescentes exigências dos países importadores obrigaram os frigoríficos a se atualizar tecnologicamente, melhorando sua *performance* de produção, e a aumentar os controles sanitário e ambiental. Como resultado, o Brasil possui hoje frigoríficos à altura dos melhores frigoríficos americanos ou europeus, superando-os muitas vezes.

As maiores empresas brasileiras também se estruturaram de forma a permitir negociações diretas com os compradores internacionais, evitando assim os intermediários internos, como também, em alguns casos, contornando alguns intermediários nos países de destino.

Essa nova situação das empresas brasileiras atenua as questões relativas à instabilidade empresarial apontada neste trabalho. As crescentes exigências dos importadores e suas permanentes auditorias sobre os processos de produção os levaram a um maior conhecimento das empresas brasileiras, estimulando a sua organização administrativa, econômica e financeira e diminuindo, assim, os riscos de crise, desde que mantidas as escalas de produção e receita.

Nesse ponto, deve-se relembrar as ameaças que pairam sobre o setor. Embora a situação atual seja extremamente favorável, muito trabalho ainda deve ser feito para consolidar o avanço.

Fugir à comoditização não é a panacéia do setor, mas o desenvolvimento de novos produtos e a entrada em nichos de mercado têm um papel importante. Nesse sentido, é necessário o contínuo investimento em pesquisa e desenvolvimento, a fim de dar aos importadores e ao mercado interno de carne bovina uma clara demonstração de seriedade em relação à sua produção.

A busca de certificações dos processos industriais e da matéria-prima deve ser constante. Isso pode contribuir para a colocação da mercadoria em condições mais favoráveis e para introduzir a carne brasileira em nichos de mercado do tipo orgânico.

A permanente preocupação com a sanidade do rebanho brasileiro é essencial para avançar na conquista de novos compradores, como também para manter os atuais. Isso não deve ser uma preocupação somente das instâncias de governo, mas de toda a cadeia.

Por sinal, as vantagens obtidas no momento atual devem ser vistas com cuidado, uma vez que o país se aproveita de uma conjunção de fatores que podem começar a se dispersar já no início de 2002, com o retorno da Argentina ao mercado.

A sustentação das vantagens competitivas depende basicamente da conquista da confiança dos compradores e dos consumidores de seus países. Nesse sentido, a campanha de *marketing* recentemente lançada pelo governo federal em conjunto com entidades representativas do setor tem importância fundamental e deve ser intensificada.

Em resumo, o setor tem uma oportunidade ímpar de demonstrar sua competência e seriedade e transformar-se no terceiro mais importante fornecedor mundial de carne bovina.

Referências Bibliográficas

AGRA EUROPE. *Livestock & Meat*, vários números.

FAO. *Perspectivas a plazo medio de los productos básicos – proyecciones de productos básicos agrícolas al año 2000*. Roma: FAO, 2000.

LOPES, Mauro, BRANDÃO, Alexandre. *Oportunidades e requerimentos do sistema agroalimentar do Mercosul ampliado para o acesso aos mercados mundiais nas próximas décadas*. Montevideo: Procisur, Bio 2000 (Serie Documentos, 17).